



PONDÉ, Luiz Felipe. **Os Dez Mandamentos (+um):** Aforismos teológicos de um homem sem fé. São Paulo: Três Letras, 2015. 127p. ISBN: 978-85-68493-11-3

Rodrigo de Abreu Oliveira \*

Luiz Felipe Pondé é professor de filosofia com interesses voltados mais para os campos da filosofia da religião e política. Possui diversos livros tratando sobre o fenômeno religioso sob as perspectivas antropológica, moral, social, literária, cinematográfica. Atualmente leciona na PUC-SP e FAAP. Sobre o seu livro, *Os Dez Mandamentos (+um)*, ele se subdivide em onze capítulos, sendo que em dez deles são interpretados os Mandamentos mosaicos em forma de aforismo. A base de sua análise é o filme do diretor polonês Krzysztof Kieslowski (1941-1996), *O Decálogo*. De toda forma, não há a necessidade de ter assistido ao filme para se compreender o que o autor pretende tratar: o dilema existencial entre homem e Deus no mundo. Por fim, o décimo primeiro mandamento seria uma forma de reconduzir a existência para um novo sentido de esperança. Apesar de pequena, sua obra tem muito a oferecer para a compreensão da religião nos moldes de uma sociedade desencantada e, de certa forma, secular.

---

Resenha recebida em 23 de outubro de 2017 e aprovada em 6 de novembro de 2017.

\* Doutorando em Filosofia Moderna (UFMG). Mestre em Estética e Filosofia da Arte (UFOP). País de origem: Brasil.  
E-mail: rodrigodeao@gmail.com

O livro *Os Dez Mandamentos (+ um)* é uma espécie de conselho dostoievskiano: se quiserem tranquilidade, afastem-se de Deus. Ou seja, Deus é conflito, angústia, desespero, salto no escuro. Sendo assim, a imagem açucarada, criada por espíritos levianos ou simplesmente por má-fé, tomba em pó com as explicações de Luiz Felipe Pondé. No decorrer de sua obra, é possível notar uma linha mística que se perfaz em meio às loucuras (trágicas) dos que foram atormentados pela presença de Deus. O aspecto literário é enfatizado por meio de analogias. Os profetas, assim como as personagens das tragédias gregas, são seres que vivem nos extremos: “Um homem é eleito para sofrer; e ele tem menos livre-arbítrio do que os indivíduos comuns” (p. 18). O Destino se impõe para um Moisés tanto quanto se impõe para Édipo Rei. A consciência de Deus sempre causa impactos profundos no espírito. O fardo da eternidade não é para qualquer um. Ao carregá-lo, há de se caminhar entre abismos e tumbas (p. 23).

A Bíblia é um conjunto de livros sobre a vida. Desse modo, os Mandamentos não são somente normas de conduta, mas chaves de compreensão da existência humana. Na religião judaico-cristã, depare-se com as contradições aparentes, com as imprecisões existenciais, com as absurdidades corriqueiras, com as aflições habituais. Por isso, assevera Pondé, “a moral bíblica nunca foi uma moral dos ‘bonzinhos’, mas sim a de quem atravessa os infernos da alma e se sabe habitado pelo desespero” (p. 32). A batalha dos desejos é sempre suplicante. Ora, se pecar não fosse prazeroso, a santificação seria atingida sem nenhum esforço. Portanto, a luta, entre o homem e o diabo -- figura infantil para os cândidos da modernidade --, é angustiante (no sentido kierkegaardiano) ou niilista (no sentido dostoievskiano). Os valores dos Mandamentos servem para fincar na realidade um referencial que se contrapõe ao niilismo que proclama aos quatro cantos que tudo é permitido (p. 44).

Outra característica importante na análise de Pondé é o princípio de ordem estabelecido pelas dez leis. São preceitos que, se desconsiderados em absoluto, conduzem o homem e a sociedade ao caos (tanto em termos práticos quanto psicológicos). Não é à toa que os regimes totalitários – de Hitler a Lênin

transgridem, abertamente, sete, dos dez mandamentos, segundo Alain Besançon (1932): o quarto (“horarás pai e mãe”), o quinto (“não matarás”), o sexto (“não cometerás adultério”), o sétimo (“não roubarás”), o oitavo (“não levantarás falsos testemunhos”), o nono (“não desejarás a mulher do próximo”) e o décimo (“não cobiçarás coisas alheias”). Pondé lança mão da Revolução Francesa, que tentou atribuir ao poder político (o Rei) um autoritarismo devassador, assimilando-o à figura do pai. Honrar pai e mãe, sob essa perspectiva, era uma maneira de reproduzir o que “chamaríamos ‘patriarcalismo’” (p. 69). Ao quebrar com a figura do pai, rompe-se com a figura do poder e, ato contínuo, com a do rei. As discussões acerca das novas formas de família são frutos dessa ruptura – que Edmund Burke constatou ser o princípio da “engenharia social”.

Conciliada à cirúrgica análise dos Mandamentos, Pondé faz uso das releituras cinematográficas de Kieslowski para contextualizá-los. Desse modo, as situações são descritas em circunstâncias demasiadamente humanas. Tal usualidade tem o objetivo de demonstrar a persistência das leis estabelecidas, também, pasmem!, para o homem moderno, o qual se considera livre de toda influência religiosa. Por fim, cabe-nos ressaltar a capacidade do Pondé de anunciar verdades sem pedantismo, indo direto ao ponto: “o santo verdadeiro é o especialista do mal” (p. 86); “sem culpa, portanto, não existe vida moral, que só respira quando a possibilidade do ‘inferno’ (...) de fato existe” (p. 105); “o pessimismo é mais forte do que o sexo, na medida em que a depressão arruína a libido” (p. 118). Este livro é um ato; é uma manifestação de fé (leia-se: tormento, desespero, angústia) para os que não creem; é um ato de verdadeira fé (leia-se: tormento, desespero, angústia) para os que creem; resumidamente, é um ato de coragem contra as estupidezes que anunciam nos noticiários, todo santo dia, o fim da religião.